

FESPSP  
FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação - FaBCI

**“PELA IMAGINAÇÃO DO POETA E PELAS MÃOS DO MACHO”:  
A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE EM JUBIABÁ**

Leonardo Vinícius da COSTA

São Paulo  
2011

*When she talks, I hear the revolution  
In her hips, there's revolutions  
When she walks, the revolution's coming  
In her kiss, I taste the revolution*

**Bikini Kill - Rebel Girl  
(in "Pussy Whipped", 1994)**

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO .....  | 4  |
| 2 O QUE É MASCULINIDADE: CONCEITOS E ACEPTÕES.....                | 5  |
| 3 O “SER HOMEM” NO INÍCIO DO SÉCULO XX E SUAS TRANSFORMAÇÕES..... | 6  |
| 4 JUBIABÁ E SEU PAPEL NA AFIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE NORDESTINA.   | 9  |
| 5 CONCLUSÃO.....  | 13 |
| 6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....                                   | 14 |

## 1 INTRODUÇÃO

Durante a leitura do romance *Jubiabá*, escrito por Jorge Amado na década de 1930, foi analisado que as ações do personagem Antônio Balduino eram conduzidas por uma necessidade de se afirmar como homem perante a sociedade. Tal necessidade sempre foi acompanhada de uma série de padrões de comportamentos que podem ser identificados até hoje em indivíduos do sexo masculino, mais especificamente no Nordeste, local em que se passa a história.

Este trabalho tem como objetivo elucidar tais necessidades que esses indivíduos possuem como forma de afirmação de sua condição sexual e as origens destas necessidades. Chamamos de masculinidade por ser a expressão mais adequada para se tratar de tais padrões masculinos. Para tanto, é necessário primeiramente uma compreensão dos termos utilizados em torno do assunto, como gênero, sexo, hierarquização de sociedade e violência simbólica.

A pesquisa teve como ponto de partida dois grandes nomes da sociologia, Gilberto Freyre e Pierre Bourdieu. O primeiro por seu rico e extenso trabalho na identificação da história antropológica e social do Brasil, e o segundo pela produção específica da obra *A Dominação Masculina*, publicada no país em 1999. Apesar de nenhuma citação direta ter sido feita, ambas as obras tiveram grandes importância no entendimento do pensamento sobre o assunto. Além disso, observamos que para uma concepção panorâmica, seriam necessários também estudos feministas modernos para uma possível discussão entre ambos os pontos de vista.

Por fim, foi identificada a intertextualidade existente entre o romance de Jorge Amado e a obra *Nordeste*, de Gilberto Freyre, já que ambas nos ajudam a compreender a construção da figura masculina na região nordestina no início do século XX.

## 2 O QUE É MASCULINIDADE: CONCEITOS E ACEPTÕES.

Para uma discussão relacionada à masculinidade, é indispensável uma compreensão correta do termo. A partir disso, é necessário levar em consideração duas concepções essenciais em torno do assunto: o sexo e o gênero.

Tratamos por sexo a “consequência biológica da formação humana” (BOTTON, 2007, p. 110), a figura que diferencia um indivíduo de outro quando observado sob o âmbito físico, enquanto que chamamos de gênero a “um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha em uma determinada cultura” (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008, p. 1), ou seja, a construção do sujeito enquanto parte de um grupo, pertencente a um período e uma classe, e a representação do papel assumido perante suas obrigações dentro dele. Assim sendo, podemos definir masculinidade como um “espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, servindo de modelo para atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidos”. (GOMES, 2008, p. 239)

Os indivíduos que formam a sociedade que conhecemos “sobrevalorizam a diferenciação biológica, atribuindo aos dois sexos funções diferentes (divididas, separadas e geralmente hierarquizadas)” (MATHIEU, 2009, p. 223), que, unidas aos aspectos de gênero, dão origem ao que chamamos de masculinidade hegemônica. Apesar de não ser única, já que consegue se relacionar com outros tipos de masculinidades existentes, a masculinidade hegemônica “se caracteriza por uma posição de autoridade cultural e liderança” (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008, p. 1), tratando assim a heterossexualidade e outras características, como a coragem e a força, pontos decisivos para a identificação de uma masculinidade dominante, e funcionando como referência para as relações de gênero.

Por meio destas construções, a masculinidade procura formas para mostrar seu poder sobre outros indivíduos, e o faz através da violência simbólica, que deve ser entendida, segundo Bourdieu, como uma

violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do

reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (GOMES, 2008, p. 240 apud BOURDIEU, 1999, p. 7-8).

Ou seja, através de pequenos atos, considerados “naturais” para ambos os envolvidos neste tipo de violência, o dominador consegue demonstrar sua força e seu poder sobre o dominado. É importante observar que apesar de esse tipo de hierarquização ser mais comum nas relações entre homens e mulheres, o mesmo acontece nas relações entre homens e homens, na tentativa de afirmar sua virilidade, tornando-os escravos de algo que muitas vezes não é habitual a eles mesmos.

### **3 O “SER HOMEM” NO INÍCIO DO SÉCULO XX E SUAS TRANSFORMAÇÕES.**

De meados do século XIX até o início do século XX, enquanto nos estados do sul do país o desenvolvimento urbano já tomava força, transformando radicalmente as organizações sociais pelo início do reconhecimento de cada indivíduo como parte importante de um grupo, o nordeste ainda se encontrava principalmente em um sistema onde era comum a vida no campo e seus costumes simples. Chamamos este tipo de sistema de “sociedade patriarcal”, que deve ser compreendida como “pequenas comunidades agrícolas compostas de unidades familiares de produção, cada uma sob o cajado de seu antepassado, sendo a vida comunitária regida pela reunião dos ancestrais, dos chefes de família” (DELPHY, 2009, p. 174). Desta forma, podemos afirmar que o nordeste era conduzido pela autoridade familiar, restando assim para os outros indivíduos participantes deste tipo de sociedade papéis de dominados através da exploração.

Quando falamos sobre autoridade familiar, nos referimos aos homens, pois possuíam todos os aspectos masculinos necessários para tal papel, como a força, a coragem e a virilidade; e os indivíduos dominados acabavam por serem as mulheres, conforme observa Gilberto Freyre:

À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social mas notadamente do tipo patriarcal-agrário [...] convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por esta diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade [...] que dá ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas. (FREYRE, 2006, p. 207)

Ainda assim, algumas personalidades do sexo feminino foram responsáveis pela autoridade em suas famílias, ocupando um papel que era normalmente do homem. Por conta disso, tais mulheres tiveram de adquirir características masculinas para exercer esses papéis, tornando possível identificar uma diferenciação dos aspectos masculinos e femininos, e com a “pretensão à generalidade e a mesma denotação de organização” (DELPHY, 2008, p. 178), a necessidade de se seguir um padrão para o cumprimento dessas responsabilidades.

Nota-se uma tentativa também de aproximação do corpo masculino, devido às suas características necessárias para executar trabalhos pesados e rurais, através da mudança dos traços físicos típicos femininos da época, transformando o então conhecido como “sexo frágil” em “mulher-homem”, conforme observado por Gilberto Freyre:

[...] Vasta matrona de cinco pés e oito polegadas, o corpo proporcionado à altura, um colar de ouro no pescoço. Mulher já de seus cinquenta anos, andava entretanto por toda parte, a pé ou a cavalo, dando ordens aos homens com a sua voz dominadora, dirigindo o engenho, as plantações, o gado, os escravos. Era uma machona. Junto dela o irmão padre é que era quase uma moça. (FREYRE, 2006, p. 209)

Nas primeiras décadas do século XX, dois aspectos foram decisivos para a criação de novos paradigmas nos papéis do homem na sociedade: a industrialização que se disseminava por todo o país, e as influências culturais que algumas destas indústrias traziam, fazendo com que a sociedade se moldasse às novas formas de pensar e agir. Através dessas mudanças, as mulheres passaram a ser responsáveis também pelo sustento de suas famílias, trabalhando nessas

indústrias e dividindo estes papéis, antes estritamente masculinos. A partir disso, os trabalhadores rurais do nordeste começaram a identificar que tais transformações influenciavam seus papéis dentro da sociedade hierárquica a que estavam habituados, e na tentativa de se manterem dentro desta construção, buscavam a não propagação de uma identidade de gênero, conforme observa Durval Muniz:

O que mais estava faltando na região era, justamente, homens capazes de comandar, de recuperar o lugar que este espaço já havia ocupado na economia e na política nacional. A própria cultura tradicional desta área do país, que era a que havia de mais brasileira, parecia ameaçada pela falta de alguém capaz de defendê-la contra estrangeirismos e modernidades. Já não se fazia mais homens como antes, até as moças já expressavam esta opinião pelos jornais. Era preciso prevalecer o masculino, o elemento de conquista, do domínio, da fertilização, da criação, tal como este era definido na sociedade em que vivia. O feminino tinha o seu lugar, o da obediência, da caridade, da prestimosidade, da delicadeza, da proteção maternal, da maternidade. Como também o lugar na cozinha, assegurando que deliciosas receitas de bolos e doces, traços marcantes da nossa civilização patriarcal dos engenhos, não se perdessem para sempre. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 20--, p. 9-10)

Com o fim da República Velha, no início da década de 30 e o começo do primeiro mandato de Getúlio Vargas, aliado à Grande Depressão em que o resto do mundo se encontrava devido ao sistema capitalista aplicado às grandes indústrias, o país passou por diversas mudanças econômicas e políticas que prejudicaram as comunidades agrícolas do Nordeste, já que estas eram as responsáveis por grande parte das exportações de produtos, como café e algodão.

Por fim, com a nova Constituição de 1934, as mulheres passaram a ter mais direitos, como o de voto nas eleições e da equalização de seus salários, independente de classe, gênero ou idade. Desta forma, a sociedade patriarcal dominante começou a ser eliminada, fazendo com que reacionários comesçassem a difundir seus ideais, pois a “multiplicidade incomodava, era preciso construir o homogêneo, sem fissuras” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 20--, p.7), conforme observado por Durval Muniz:



Os homens pareciam perder o controle sobre tudo o que era deles, anteriormente: as terras, as mulheres, as crianças, os negros e até os animais, todos pareciam tomados por um processo de transfiguração, todos pareciam agora tomados por uma capacidade de metamorfose. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 20--, p. 5)

#### **4 JUBIABÁ E SEU PAPEL NA FIRMAÇÃO DA MASCULINIDADE NORDESTINA.**

*Cedo chefiou os demais garotos do morro, mesmo os bem mais velhos que ele. Era imaginoso e tinha coragem como nenhum. Sua mão era certa na pontaria do badoque e seus olhos faiscavam nas brigas. Brincavam de quadrilha. Era sempre o chefe. E muitas vezes se esquecia que estava brincando e brigava seriamente. Sabia todos os nomes feios e os repetia a todo momento. [...] Apesar de tudo a negra Luiza dizia:*

*- Este é o homem da casa...*

(AMADO, 1935, p. 11)

Jubiabá foi lançado por Jorge Amado, no ano de 1935, em meio a mudanças drásticas na vida social do brasileiro, principalmente o nordestino. Na história, acompanhamos a vida de Antônio Balduíno, negro de origem humilde, desde sua infância sofrida até a conscientização das relações de trabalho, passando por sua juventude e sua paixão da época, a branca e rica Lindinalva. Conforme comentado por Laura Moutinho, o tom que permeia o livro é de “desesperança, já que nos é apresentado um cenário de fome, injustiça social, pobreza, abandono, mortes e suicídio” (MOUTINHO, 2004, p. 310). Ou seja, um típico cenário onde a hierarquização se mostra como ponto central, através de pequenas violências simbólicas.

Essa obra, juntamente com *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), faz parte da fase de “romance proletário” do autor, devido aos seus tons de militância em movimentos políticos de esquerda. (MOUTINHO, 2004, p. 309). Nestas obras, identificamos, segundo Matta, “uma construção “monológica”, com ênfase no registro marxista e

uma “dualidade moral” calcada na oposição entre estruturas feudais arcaicas e burguesas modernizadoras” (MOUTINHO, 2004, p. 309 apud MATTA, 1983, p. 14). Tal “dualidade moral” também foi defendida e comentada por Gilberto Freyre, em sua obra *Sobrados e Mocambos*, onde ataca as mudanças sociais que a região vinha sofrendo com a industrialização, conforme observado por Durval Muniz:

O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas [...]. (FREYRE, 2006, p. 208)

Durante a infância do personagem Balduíno (ou Baldo, como é chamado na obra), podemos observar sua necessidade de demonstrar a honra masculina, que mantém através de atos violentos em seu grupo de amigos, no Morro do Capa-Negro, sugerindo assim sua virilidade e coragem típica masculina e conseguindo o respeito e admiração entre os outros meninos. Tais necessidades podem ser observadas também em sua expectativa em relação ao trabalho que irá executar quando crescer: jagunço. Podemos tomá-lo como exemplo para a imagem do homem ideal da época, criada a partir da necessidade de alguns nordestinos em “resgatar este homem regional que ameaçava ser extinto pela modernidade”, conforme observado por Durval Muniz. “Resgatá-lo não apenas como raça, mas como cultura, como psicologia” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 20--, p. 3). A partir disso, acompanhamos Balduíno em sua jornada para suprir a necessidade de se tornar, assim como os homens do século XIX, responsável por suas terras e digno de respeito pelo seu trabalho.

Logo no início da história, quando o personagem ainda mora no morro, somos transportados para o interior de Balduíno, e acompanhamos sutilmente como espectadores, os sentimentos que este “cabra-macho” nutre em relação à cidade que observa do alto:

Mas as luzes que se acendiam purificavam tudo. Antônio Balduíno se envolvia na contemplação das fileiras de lâmpadas, mergulhava os olhos vivos na claridade e sentia vontade de agradar os outros negrinhos do morro do Capa-Negro. Se algum se aproximasse dele naquele instante ele

o acariciaria, sem dúvida, não o receberia com os beliscões costumeiros, não diria os palavrões que cedo aprendera. Passaria, sem dúvida, a mão sobre a carapinha do companheiro de brinquedos, recostaria o seu peito ao peito do amigo. E talvez sorrisse. (AMADO, 1935, p. 9)

Notamos que esses sentimentos que invadem o personagem são sinceros, porém Baldo não se sente à vontade em dividi-los com ninguém. Ao contrário, na frente de seus amigos ele era sempre o mais forte e mais viril, escondendo esta parte mais sensível. Podemos afirmar que isto ocorre, pois, conforme observado em pesquisa feita para entender as representações masculinas,

(...) os sujeitos recorrem a ideias opostas ao que julgam pertencer às mulheres para definir o que é ser homem [...] Assim, expressões como bruto, forte, agressivo [...] foram utilizadas para representar o que é ser homem. Em oposição, as expressões suave, sensível, doce [...] eram utilizadas para o ser mulher. (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008, p. 3)

Ou seja, caso Balduíno evidenciasse tais pensamentos, é possível que perdesse seu posto de líder, de centralizador do poder, já que tal característica não combina com outra, partindo da diferenciação do masculino e feminino. Baldo seria alvo de piadas de seus colegas, por ser “menos homem” que eles.

Após seu crescimento, Baldo passa a viver na cidade grande, onde começa a trabalhar na casa do comendador Pereira. É lá que ele conhece Lindinalva, seu primeiro e único amor, e é nesta relação que, quando observada sob o contexto de gênero, localizamos o maior exemplo de hierarquia social sexista apresentada em toda a história, já que “é através do binômio fragilidade-proteção que os homens legitimam seu papel, de modo a controlar a sexualidade feminina” (MOUTINHO, 2004, p. 316 apud STOLCKE, 1991).

Apesar de ambos os personagens se sentirem atraídos um pelo outro, Baldo e Lindinalva não chegam a, de fato, constituírem uma organização familiar. Esta acaba por se casar com um advogado, engravidando dele. Enquanto isso,

Balduíno passa de mendigo para lutador de boxe e vai até preso, porém sempre mantendo a lembrança do amor que sente por Lindinalva.

Anos mais tarde, Baldo descobre que seu amor da juventude virou prostituta. Após ser seduzida pelo marido e ter perdido sua mãe, causando a decadência de seu pai e de sua família, esta parece ser a única maneira de Linda (novo nome adotado para a nova identidade assumida) encontrou para sustentar seu filho. O casal se encontra e, prestes a morrer, Linda faz o pedido simbólico para Baldo: que este cuide de seu filho. O personagem principal aceita a súplica da amada e começa a trabalhar para conseguir criar dignamente o filho de seu único amor.

Analisando tal fato na história, é possível afirmar que Jorge Amado procura, através da morte de Lindinalva, devolver o “poder” familiar que se encontrava nas mãos de uma mulher para o homem, conforme comentado por Durval Muniz, tendo como base a obra de Gilberto Freyre:

O nordestino devia ser capaz de sintetizar e atualizar tipos como o do sertanejo, do vaqueiro, do praieiro, mas principalmente do senhor do engenho e do cabra do engenho, homens machos capazes de domar e submeter a terra fêmea, de fertilizá-la com seu suor e com seu sangue, se for necessário. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 20--, p. 3)

A partir de tal observação, fica clara a intertextualidade entre os dois autores. Tanto Amado quanto Freyre procuravam, na época da produção de suas obras, manter os antigos costumes hierárquicos característicos de uma sociedade que se mostrava ultrapassada, e que já vinha se transformando através de novos papéis que os sexos, antes bem demarcados, vinham se apropriando a partir da desconstrução de uma classificação de ordem baseada no sexo e no gênero. Ambos “procuram religar este presente com um passado que se foi”, fazendo “um história monumental e erguendo monumentos a homens que ficaram no passado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 20--, p. 7).

## 5 CONCLUSÃO

Compreende-se que, a partir das definições dos termos gênero e sexo, se tornam mais esclarecidas suas errôneas concepções e utilizações. Observa-se que tal discussão, apesar de necessária, ainda se encontra em processo de descoberta no Brasil, restringindo o debate acerca do assunto.

Além disso, fica claro o auxílio de alguns intelectuais do início do século XX para a construção de uma identidade nacional nordestina, perante as transformações que afetavam o país inteiro devido ao período de industrialização em que este se encontrava; era um reflexo das mudanças na economia global causadas pelas guerras, além de uma elaboração dos papéis do homem e da mulher nesta sociedade moderna.

É inquestionável a importância da obra de Jorge Amado no desenvolvimento da conscientização dos leitores da chamada “classe operária”, a partir da desconstrução das relações sociais classicistas, além de mostrar a possibilidade de uma possível revolução neste aspecto.

Apesar disso, nota-se que esta tentativa de unificação da sociedade fica restrita aos aspectos de classe social, de raça e de cor, e ignora a hierarquização sexista e de gênero que também se mostra como obstáculo para o desenvolvimento de um país e de uma sociedade mais justa. Pode-se dizer que tal fato, não somente é ignorado, mas também que o autor na verdade estimula tal diferença de classe, através de uma história onde a sociedade observada é uma sociedade falocrática, ou seja, uma sociedade onde o poder é centrado no falo e em quem o possui.

## 6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, Paraná, n. 19 e 20, p. 109-120, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/issue/view/1148/showToc>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. As representações da masculinidade e o ser homem. In: **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**, 2008, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/vernaculo/issue/view/1148/showToc>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e gênero. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 222-231.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 173-179.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. 16ª ed. Recife: Global, 2006. 974 p., il. color.

Gomes, ROMEU. A dimensão simbólica da violência de gênero: uma discussão introdutória. **Athenea Digit** [S.l.], n. 14. outono 2008. p. 237-243. Disponível em: <<http://arca.icict.fiocruz.br/handle/icict/313>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Cabra macho, sim senhor!: identidade regional e identidade de gênero no nordeste**. [S.l.] [20--]. Disponível em:

<[http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remess/cabra\\_macho\\_sim\\_senhor.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remess/cabra_macho_sim_senhor.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2011.

MOUTINHO, Laura. Entre o realismo e o ficcional: representações sobre "raça", sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.14, n.2, pp. 307-327, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312004000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312004000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 nov. 2011.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, [19--]. 324 p. il.